

ESTHER PEREL

(IN)FIDELIDADE
– REPENSAR O AMOR
E AS RELAÇÕES

Tradução de
PAULO TAVARES e SARA M. FELÍCIO



ÍNDICE

Agradecimentos	11
Introdução	15
PARTE I: PREPARAR AS CONDIÇÕES	
CAPÍTULO 1: Um novo diálogo em torno do casamento e da infidelidade	23
CAPÍTULO 2: Definir a infidelidade	41
CAPÍTULO 3: Os casos já não são o que eram	62
PARTE II: AS REPERCUSSÕES	
CAPÍTULO 4: O porquê de a traição magoar tanto	83
CAPÍTULO 5: Pequena loja dos horrores	109
CAPÍTULO 6: Ciúme	128
CAPÍTULO 7: Autorrecreinação ou vingança	148
CAPÍTULO 8: Contar ou não contar?	169
PARTE III: SIGNIFICADOS E MOTIVOS	
CAPÍTULO 9: Até as pessoas felizes traem	197
CAPÍTULO 10: Um antídoto para o torpor	222
CAPÍTULO 11: Poderá o sexo ser apenas sexo?	243
CAPÍTULO 12: A mãe de todas as traições?	272

CAPÍTULO 13: O dilema da amante.....	294
--------------------------------------	-----

PARTE IV: PARA SEMPRE

CAPÍTULO 14: A monogamia e os seus descontentamentos.....	319
--	-----

CAPÍTULO 15: Depois da tempestade.....	349
--	-----

Notas.....	375
------------	-----

Índice remissivo.....	385
-----------------------	-----

CAPÍTULO 1

UM NOVO DIÁLOGO EM TORNO DO CASAMENTO E DA INFIDELIDADE

Demoraria demasiado tempo explicar a íntima aliança de contradições na natureza humana que faz com que o próprio amor assuma, por vezes, a forma desesperada da traição.

E talvez nem exista explicação possível.

— Joseph Conrad, *Some Reminiscences*

Neste preciso momento, em todos os cantos do mundo, alguém está a trair ou a ser traído, a pensar em ter um caso, a aconselhar alguém que se debate com um ou a completar o triângulo como amante secreto. Nenhum aspeto da vida de um casal gera mais medo, bisbilhotices ou fascínio do que um caso. O adultério existe desde que o casamento foi inventado, assim como o tabu que o envolve. Foi legislado, debatido, politizado e demonizado ao longo da história. Todavia, apesar da sua condenação generalizada, a infidelidade apresenta uma persistência que o casamento apenas pode invejar. É persistente ao ponto de ser o único pecado com direito a dois mandamentos na Bíblia, um relativo à sua prática e outro ao mero pensamento.

Em todas as sociedades, em todos os continentes e em todas as épocas, independentemente das punições e das formas de dissuasão, os homens e as mulheres foram escapando aos limites do matrimónio. Em quase todos os lugares onde as pessoas se casam, a monogamia é a norma oficial e a infidelidade é a conduta clandestina. Que dizer, portanto, deste tabu consagrado pelo tempo — universalmente proibido e, ainda assim, universalmente praticado?

Durante os últimos seis anos, tenho vindo a ter esta conversa — não apenas dentro das quatro paredes do meu consultório, mas também em aviões, em jantares, em conferências, em salões de beleza, com colegas, com os funcionários da televisão por cabo e, claro, nas redes sociais. De Pittsburgh a Buenos Aires, de Nova Deli a Paris, tenho feito a minha própria pesquisa aberta sobre os casos extraconjugais nos nossos dias.

Em qualquer parte do planeta, as respostas que obtenho quando menciono «infidelidade» vão da condenação amarga à aceitação resignada, da compaixão cautelosa ao entusiasmo sem reservas. Na Bulgária, várias mulheres parecem ver as aventuras amorosas dos maridos como uma infeliz inevitabilidade. Em Paris, o tema traz uma imediata comoção à conversa durante um jantar e reparo no número de pessoas que já estiveram nos dois lados da situação. No México, as mulheres encaram com orgulho o aumento de casos no feminino, considerando-os uma forma de revolta social contra uma cultura chauvinista que sempre criou espaço para que os homens tivessem «duas casas», *la casa grande y la casa chica* — uma para a família e outra para a amante. A infidelidade pode ser ubíqua, mas a maneira como a interpretamos — como a definimos, sofremos com ela e falamos dela — está, em última análise, ligada ao tempo e ao lugar específicos em que o drama se desenrola.

Permita-me a pergunta: quando pensa em infidelidade, quais são as primeiras palavras, associações e imagens que lhe vêm à cabeça? Elas mudam se eu usar as palavras «caso amoroso» ou «romance»? E se usar «encontro», «aventura», «engate» ou «parceiro de sexo»? As suas reações inclinam-se para a reprovação ou para a compreensão? Para quem dirige a sua solidariedade — para os rejeitados, para os infiéis, para os amantes ou para as crianças? E as suas respostas mudaram por causa de circunstâncias da sua própria vida?

As convicções acerca dos casos extraconjugais estão profundamente enraizadas na nossa psique cultural. Nos Estados Unidos, onde vivo e trabalho, as conversas sobre o assunto tendem a ser viscerais, pesadas e polarizadas.

«A infidelidade? Destrói a confiança», diz uma pessoa. «Uma vez traidor, traidor para sempre.»

«Vá lá», contesta outra, «a monogamia é tudo menos natural.»

«Que treta!», replica uma terceira. «Nós não somos gatos com cio, somos seres humanos. Sejamos adultos.»

No mercado norte-americano, o adultério é vendido com uma mistura de condenação e excitação. As capas das revistas promovem a obscenidade enquanto pregam a santimónia. Como cultura tornámo-nos tão sexualmente abertos que atingimos o patamar da exuberância, mas, quando se trata da fidelidade sexual, até mesmo as mentes mais liberais podem permanecer intransigentes. Curiosamente, a nossa insistente reprovação mantém sob contenção o vigor da infidelidade sem revelar quão frequente ela realmente é. Não podemos fazer nada relativamente à sua existência, mas todos podemos concordar que não deveria existir. Os eleitores clamam por pedidos de desculpa públicos enquanto examinam atentamente os detalhes sórdidos. Dos escalões mais altos das elites política e militar à vizinha do fundo da rua, a infidelidade

sugere narcisismo, duplicidade, imoralidade e perfídia. Neste sentido, jamais será uma simples transgressão, uma aventura sem grande significado ou um amor genuíno.

O discurso contemporâneo sobre o tema pode ser resumido da seguinte forma: a infidelidade deve ser um sintoma de uma relação que correu mal. Se tivermos em casa todas as coisas de que precisamos, não haverá razão para as ir procurar noutro lado. Os homens traem por tédio e medo de intimidade; as mulheres traem por solidão e ânsia de intimidade. O parceiro fiel é o maduro, comprometido e realista; o infiel é o egoísta, imaturo e pouco contido. Os casos extraconjugais são sempre nocivos e jamais ajudam um casamento ou são aceites. A única maneira de restaurar a confiança e a intimidade é confessar a verdade, mostrar arrependimento e procurar a absolvição. Por último, mas não menos importante, o divórcio gera mais respeito por nós mesmos do que o perdão.

O tom moralizador do diálogo atual tende a atribuir o «problema» a casais ou indivíduos imperfeitos, passando ao lado de grandes questões que o alcance do fenómeno pode suscitar. A infidelidade diz muito sobre o casamento — não apenas sobre o seu casamento, mas sobre o casamento como instituição. Também nos faz mergulhar na atual cultura do sentido de posse, na qual tomamos por garantidos os nossos privilégios. Acreditamos mesmo que a proliferação da infidelidade se deve a umas quantas ovelhas negras? É pouco provável que milhões de amantes traidores sofram todos de uma condição patológica.

A favor ou contra?

Existem poucos termos neutros para descrever o adultério. O opróbrio moral é, desde há muito, a principal ferramenta

de contenção para os nossos impulsos fogosos, tanto que não temos palavras para falar do assunto sem ele. A linguagem ao nosso dispor aperta contra o peito o tabu e o estigma que a infidelidade representa. Enquanto os poetas falam de amantes e aventureiros, o vocabulário preferido pela maioria das pessoas inclui palavras e expressões como «adúlteros», «mentirosos», «traidores», «viciados em sexo», «ninfomaníacos», «mulherengos» e «putas». Todo o léxico é organizado em torno de um eixo de malfeitorias que não só reflete o nosso juízo crítico como o fomenta. O próprio termo «adultério» deriva da palavra latina que significa corrupção. Ainda que esteja empenhada em trazer uma perspectiva mais equilibrada para este assunto, tenho consciência da linguagem tendenciosa que utilizarei com frequência.

Também entre os terapeutas é raro existir um diálogo equilibrado e imparcial. Os casos extraconjugais são maioritariamente descritos da perspectiva dos danos causados, com foco na prevenção ou na recuperação. Adotando a linguagem da criminalização, os clínicos rotulam amiúde o cônjuge fiel como «parte lesada» e o infiel como «perpetrador». Em geral, há muita preocupação com os traídos, assim como pormenorizados conselhos de correção dados aos infiéis para que estes possam ajudar os parceiros ou parceiras a superar o trauma.

A revelação de um caso pode ser devastadora; não surpreende, por isso, que a maioria das pessoas queira tomar partido. Regra geral, sempre que menciono a alguém que estou a escrever um livro sobre infidelidade, a reação imediata traduz-se numa pergunta, «És a favor ou contra?», como se apenas existissem duas opções. A minha resposta é «Sim». Por trás desta resposta críptica encontra-se o meu sincero desejo de iniciar um diálogo com mais *nuances* e menos juízos sobre a infidelidade e os seus concomitantes dilemas. A complexidade

do amor e do desejo não se podem resumir a categorizações simplistas de «bom» e «mau», «vítima» e «culpado». Deve ficar bem claro que não condenar não significa aprovar e que existe uma grande diferença entre compreender e justificar. Mas quando reduzimos a conversa a simples juízos de valor, ficamos sem nada para debater.

Ficamos, também, sem espaço para pessoas como Benjamin, um senhor afável na casa dos setenta anos que se aproximou de mim no final de uma palestra em Los Angeles para me perguntar: «Continua a chamar-se traição quando a nossa mulher já não sabe o nosso nome?» De seguida, explicou: «A minha mulher tem Alzheimer. Está numa casa de repouso há três anos e visito-a duas vezes por semana. Nos últimos catorze meses, tenho visto outra mulher. O marido dela está no mesmo piso. Encontrámos grande conforto um no outro.» É possível que Benjamin seja um dos «traidores» mais amáveis que conheci, mas não está de maneira nenhuma sozinho. São muitos os que se preocupam bastante com o bem-estar dos companheiros ainda que lhes mintam, do mesmo modo que muitos dos que foram traídos continuam a amar aqueles que lhes mentiram e desejam encontrar uma forma de continuarem juntos.

Por todas estas pessoas, estou empenhada em desenvolver uma abordagem à infidelidade mais compassiva e eficaz. Os casos extraconjugais são frequentemente vistos como um trauma sem retorno e, de facto, certos casos são um golpe fatal num relacionamento. Mas outros podem inspirar mudanças que faziam muita falta. A traição corta até ao osso, mas a ferida pode ser curada. Certos casos podem até revelar-se regeneradores para um casal.

Como acredito que algo de bom poderá ser retirado da crise da infidelidade, vejo-me regularmente confrontada com

a pergunta: «Então, recomendaria um caso extraconjugal a um casal que esteja a atravessar uma má fase?» A minha resposta? Muitas pessoas têm experiências positivas e transformadoras quando se debatem com uma doença terminal. Mas, tal como não recomendaria um cancro, não recomendaria um caso.

Já foi afetado pela infidelidade?

No início, quando me comecei a interessar pelo tema da infidelidade, costumava perguntar às pessoas da plateia se alguma delas já tinha vivenciado um caso extraconjugal. Como seria de esperar, ninguém levantava a mão. Pouca gente está disposta a assumir em público que enganou ou que foi enganada.

Tendo em conta este facto, mudei a minha pergunta para: «Quantos dos aqui presentes já foram afetados pela infidelidade?» A esmagadora maioria das mãos levantou-se, e tem acontecido sempre o mesmo em todas as plateias a que dirijo esta pergunta. Uma mulher viu o marido de uma amiga beijar uma atraente desconhecida no comboio. Agora, a questão de dever ou não contar à amiga pesa sobre a amizade de ambas. Uma adolescente descobre que a vida dupla do pai tinha tantos anos quanto ela. Uma mãe não consegue entender o porquê de o filho continuar com «aquela tipa», referindo-se assim à nora, que deixou de ser bem-vinda para os almoços de domingo. Os ecos de segredos e mentiras ressoam em várias gerações, deixando para trás amores não correspondidos e corações destroçados. A infidelidade não é meramente uma história de duas ou três pessoas, ligando ao invés redes inteiras. Talvez os próprios aventureiros não levantem de imediato a mão em público, mas contam-me as suas histórias em privado. As pessoas chamam-me à parte em festas ou visitam o meu consultório para

partilharemos os seus segredos e suspeitas, desejos transgressivos e amores proibidos.

A maioria destas histórias é muito mais banal do que aquelas que fazem as manchetes dos jornais: não há bebês, doenças sexualmente transmissíveis ou ex-amantes a extorquir dinheiro. (Deduzo que esses casais recorram a advogados e não a terapeutas). É claro que já tive a minha quota de narcisistas, omnívoros sexuais e indivíduos imprudentes, egoístas ou vingativos. Já vi atos de extrema manipulação em que parceiros que de nada suspeitavam foram surpreendidos com a descoberta de segundas famílias, contas bancárias secretas, promiscuidade desenfreada e elaborados esquemas de duplicidade. Já me vi sentada diante de homens e mulheres que me mentiram descaradamente durante toda a terapia. Ainda assim, é mais frequente deparar com uma quantidade substancial de homens e mulheres comprometidos que partilham histórias e valores — valores que, amiúde, incluem a monogamia — e cujas narrativas de vida compõem uma trajetória mais discreta. Solidão, anos de apatia sexual, ressentimento, remorsos, negligência conjugal, juventude perdida, necessidade de atenção, voos cancelados, bebida em excesso — são estes os elementos básicos da infidelidade quotidiana. Muitas destas pessoas ficam num estado de conflito interior perante o seu próprio comportamento e vêm ter comigo em busca de ajuda.

Os motivos que levam à traição variam bastante, bem como as reações e os possíveis desfechos. Alguns casos extraconjugais são atos de resistência. Outros acontecem porque não se ofereceu nenhum tipo de resistência. Uma pessoa pode ultrapassar a fronteira por uma simples aventura, ao passo que outra o faz porque procura emigrar em definitivo. Algumas infidelidades são rebeldias fúteis geradas por um sentimento de aborrecimento, um desejo de novidade ou uma necessidade

de saber se ainda se detém o poder da atração. Outras revelam um sentimento até então desconhecido — um sentimento de amor avassalador que não pode ser contido. Paradoxalmente, muitas pessoas aventuram-se fora dos seus casamentos para os conseguirem preservar. Quando as relações se tornam abusivas, a transgressão pode ser uma força regeneradora. Um desvio matrimonial pode fazer soar o alarme que sinaliza uma urgente necessidade de prestar atenção ou pode ser a sentença de morte que se segue ao último fôlego de uma relação. Os casos extraconjugais são um ato de traição e, simultaneamente, uma expressão de desejo e perda.

Neste sentido, abordo a infidelidade sob múltiplas perspectivas. Procuo ter em conta e criar empatia com os pontos de vista de ambas as partes — aquilo que a traição fez a uma e aquilo que significou para a outra. Também tenho em consideração outras partes interessadas na relação — o amante, as crianças, os amigos — e, por vezes, trabalho também com elas. Um caso é uma história vivenciada por duas (ou mais) pessoas de formas completamente distintas. Por isso, desdobra-se em muitas histórias, e precisamos de um enquadramento capaz de abranger estas narrativas muito diferentes e conflituantes. Os discursos que se baseiam na premissa «isto em oposição àquilo» não convidam ao entendimento ou à reconciliação. Ver estes desvios matrimoniais apenas como estragos provocados é não só reducionista como também inútil. Por outro lado, desvalorizar o mal causado e apenas salientar a nossa propensão humana para a exploração de vários caminhos não é menos reducionista ou mais útil. Uma perspectiva do tipo «isto e também aquilo» poderá ser muito mais apropriada na maioria das situações. Precisamos de uma narrativa que crie pontes e ajude as pessoas reais a percorrerem a experiência multifacetada da infidelidade — os

motivos, os significados e as consequências. Haverá sempre quem insista que até mesmo a tentativa de entender é dar à traição mais dignidade do que ela merece. Mas é esse o trabalho desta terapeuta.

Num dia típico, o meu primeiro paciente é Rupert, um homem de trinta e seis anos que acompanhou a mulher na mudança do Reino Unido para Nova Iorque. Ele sabe que ela está a ter um caso, mas decidiu evitar confrontá-la. «Tenho um casamento para reconstruir e uma família para salvar», diz ele. «Estou focado em nós. Percebo que ela se tenha apaixonado por outra pessoa, mas o que pergunto constantemente a mim mesmo é se ela poderá voltar a apaixonar-se por mim.»

De seguida, recebo Delia e Russel — namorados durante os anos da faculdade que se reaproximaram por meio do LinkedIn muito tempo depois de terem construído as suas respetivas famílias. Delia confessa: «Não conseguíamos gastar o resto das nossas vidas a pensar naquilo que poderia ter sido.» Agora, descobriram a resposta, mas esta vem acompanhada de um dilema moral. «Já fizemos terapia suficiente para sabermos que os casos raramente perduram», diz-me Russell. «Mas penso que Delia e eu somos diferentes. Não é sol de pouca dura. É uma história de amor de uma vida que foi interrompida. Devo recusar a oportunidade de estar com a mulher da minha vida, reprimindo tudo o que sinto, para preservar um casamento que nunca foi muito bom?»

Farah e Jude, um casal lésbico na casa dos trinta e cinco anos, estão juntas há seis anos. Jude está a tentar compreender o porquê de Farrah ter tido um caso *depois* de ambas terem decidido tornar a sua relação mais aberta. «Tínhamos um acordo segundo o qual não havia problema em dormir com outras mulheres, desde que contássemos uma à outra», explica Jude. «Pensei que abrir a relação nos protegeria — mas, de qualquer

forma, ela mentiu. Que mais posso eu fazer?» Nem mesmo uma relação aberta é garantia contra a falsidade.

Durante o meu intervalo de almoço, leio *e-mails*. Um deles é-me endereçado por Barbara, uma mulher de sessenta e oito anos do Minnesota que ficou viúva há pouco tempo. «Durante o meu processo de luto, descobri provas do caso extraconjugal de longa data do meu marido. E agora vejo-me a lidar com questões jamais imaginadas — por exemplo, devo contar à minha filha? Para piorar as coisas, como o meu marido era muito respeitado na nossa comunidade, continuo a ser convidada para homenagens à sua memória, às quais todos os meus amigos comparecem. Sinto-me presa num dilema — parte de mim quer permitir que o seu legado permaneça imaculado, enquanto a outra parte sofre por pretender dizer a verdade.» Nas nossas trocas de *e-mails*, discutimos o poder que uma descoberta tem de mudar uma vida inteira. Como conseguimos reconstruir tanto a nossa vida como a nossa identidade depois da dupla perda da traição e da viuvez?

A mensagem de Susie está repleta de raiva justificada em nome da mãe. «Ela foi uma santa que ficou ao lado do meu pai até à morte, apesar do caso que ele mantinha desde há muito.» Pergunto a mim mesma se ela alguma vez pensou em contar a história de outra maneira. E se o pai amasse verdadeiramente outra mulher, mas tivesse ficado e se tivesse sacrificado a si mesmo em benefício da família?

Adam, um jovem terapeuta enviou-me uma mensagem no Facebook depois de ter participado numa das minhas sessões de formação. «Sempre pensei que os traidores eram seres sem escrúpulos», escreve ele, «que deviam, ao menos, ter a decência de respeitar as pessoas com quem tinham casado para não agirem às escondidas. E, no entanto, ao participar naquela discussão, tive um despertar abrupto. A sala em que

nos encontrávamos era segura e confortável, mas eu não parava de me mexer na minha cadeira, como se a almofada contivesse carvão quente que me fazia acordar para a realidade. Nunca dera muita importância ao facto de os meus pais serem os dois casados quando se conheceram; na verdade, o meu pai prestava aconselhamento à minha mãe, que tentava deixar um marido abusivo. O caso entre os dois foi o responsável pela minha existência neste mundo. Há trinta e quatro anos, o adultério permitiu aos meus pais encontrarem a pessoa com quem queriam passar o resto da vida.» A forma de pensar a preto e branco de Adam sofreu então um abalo, tanto no plano pessoal como profissional.

A minha última sessão do dia é com Lily, uma representante publicitária de trinta e sete anos que tem vindo a adiar os seus ultimatoss há quase uma década, esperando que o amante se divorcie da mulher. O amante teve mais dois filhos desde que o caso começou, e Lily sente a diminuição da sua fertilidade a cada dia que passa. «Congelei os meus óvulos no mês passado», confessa-me ela, «mas não quero que ele saiba isso — preciso de toda a margem de manobra ao meu alcance.» Lily descarrega a sua ambivalência sessão após sessão — numa semana, está convencida de que ele apenas a continua a iludir; na seguinte, agarra-se a qualquer réstia de esperança de ser realmente o amor da vida dele.

A meio de um jantar, recebo uma mensagem de texto «urgente». Jackson está desastinado e precisa de conversar imediatamente. A mulher acabou de descobrir que faltam demasiados comprimidos no frasco de *Viagra* e expulsou-o de casa. «Para ser sincero», diz ele, «sinto-me muito mal quando lhe minto, mas não conseguia suportar a cara de repulsa dela sempre que lhe tentava falar das minhas necessidades sexuais». As fantasias de Jackson eram coloridas, mas a mulher considerava-as

tudo menos excitantes e transmitiu-lhe isso vezes sem conta. Após anos de rejeição, ele pegou na sua paleta de fantasias e levou-a para outro lugar. «Deveria ter sido honesto», diz ele, «mas havia muito em jogo. As minhas necessidades sexuais eram importantes, mas não o suficiente para deixar de ver os meus filhos todos os dias ao pequeno-almoço.»

Ao ouvir as histórias de todas estas pessoas, dou por mim chocada, crítica, compreensiva, protetora, curiosa, entusiasmada e indiferente, e por vezes tudo isto no período de uma hora. Já chorei com elas, já me senti esperançosa e desesperada, já me identifiquei com todos os envolvidos. Por ver diariamente a devastação que este ato pode causar, também vejo quão inadequado é o debate atual sobre o tema.

Uma janela para o coração humano

Os casos extraconjugais têm muito para nos ensinar sobre as relações. Além de abrirem a porta para uma análise mais aprofundada dos valores, da natureza humana e do poder de Eros, forçam-nos a lidar com algumas questões muito inquietantes: o que leva as pessoas a cruzarem as fronteiras estabelecidas com tanto esforço por elas próprias? Por que motivo a traição sexual magoa *tanto*? Um caso é sempre um sinal de egoísmo e de fraqueza ou, em certas situações, poderá ser compreensível, aceitável, até mesmo um ato de audácia e coragem? E, conhecendo ou não este drama, o que poderemos aprender com a excitação da infidelidade para avivar as nossas relações?

Um amor secreto tem sempre de ser revelado? A paixão tem um curto prazo de validade? E existem satisfações que o casamento, ainda que um bom casamento, nunca conseguirá

proporcionar? Como devemos negociar o difícil equilíbrio entre as nossas necessidades emocionais e os nossos desejos eróticos? Terá a monogamia perdido a sua utilidade inicial? O que é a fidelidade? Podemos amar mais do que uma pessoa ao mesmo tempo?

Para mim, estas conversas são uma parte constitutiva de qualquer relação íntima e adulta. Infelizmente, a maioria dos casais debate estas questões pela primeira vez apenas quando passa pela crise de um caso extraconjugal. A catástrofe tem uma maneira particular de nos impelir para a essência das coisas. Aconselho que não se espere pela tempestade e se debata estas ideias num clima mais sereno. Falar sobre o que nos atrai fora das nossas cercas, bem como sobre o medo da perda que acompanha esse cenário, numa atmosfera de confiança pode, com efeito, promover a intimidade e o compromisso. Os nossos desejos, mesmo os mais ilícitos, são uma característica da nossa humanidade.

Por mais tentador que seja reduzir os casos extraconjugais a sexo e mentiras, prefiro usar a infidelidade como um portal para a complexa paisagem das relações e das fronteiras que lhes impomos. A infidelidade faz-nos ficar cara a cara com as forças voláteis e opostas da paixão: a tentação, o desejo, a urgência, o amor e a sua impossibilidade, o alívio, a sensação de clausura, a culpa, o desgosto, o pecado, a vigilância, a loucura da suspeição, a ânsia destrutiva de vingança, o desfecho trágico. Tenha isto em atenção: abordar estas questões requer disposição para entrar num labirinto de forças irracionais. O amor é complicado; a infidelidade, mais ainda. Mas é também uma janela como nenhuma outra para as fendas no coração humano.

A nova vergonha

Divórcio: em todos os debates acesos sobre infidelidade, na Internet ou fora dela, esta palavra é referida vezes sem conta. Se está a considerar ter um caso, divorcie-se. Se está infeliz ao ponto de trair, está suficientemente infeliz para sair da relação. E, se é o seu companheiro quem tem um caso, ligue de imediato para o seu advogado.

Jessica, uma mulher na casa dos trinta anos que vive em Brooklyn e que tem um filho de dois anos, contactou-me uma semana depois de descobrir que o marido, Julian, com quem estava casada há quatro anos, tinha um caso com uma colega de trabalho. «Descobri uma conta secreta do Facebook com mensagens para uma mulher.» Filha da era digital, procurou *online* respostas para o seu problema. «Tudo o que lia me fazia ficar pior», explica ela. «Era como se estivesse perante maus conselhos tirados de revistas femininas. *Siga em frente e não olhe para trás! Se ele o fez uma vez, vai fazê-lo de novo! Mande-o dar uma volta!*

»Nenhum dos *websites* que visitei se preocupava com o facto de eu ainda ter sentimentos muito fortes por aquele homem», disse ela. «Tínhamos planeado passar a vida inteira juntos e ele é o pai do meu filho. Sou muito ligada à família do meu marido e tenho recebido dela um apoio tremendo na última semana. Todos aqueles artigos e autores, para não falar dos meus próprios pais, transmitem-me a ideia de que ele não presta e de que os meus sentimentos por ele estão mal orientados. O meu pai chegou ao ponto de sugerir que eu estou a sofrer da síndrome de Estocolmo! Sinto-me julgada, como se fosse uma “daquelas mulheres” que se limitam a deixar passar em claro as traições dos maridos.»

Jessica é uma mulher independente e com alternativas do ponto de vista financeiro, ao contrário das inúmeras mulheres que não têm recursos em virtude dos privilégios patriarcais dos seus maridos. E, precisamente por viver segundo uma declaração de direitos diferente, a nossa cultura exige que ela os exerça. Enquanto a escuto, a minha mente viaja até uma sessão de formação que organizei há não muito tempo para um grupo de mulheres de uma aldeia em Marrocos. Quando lhes expliquei que, nos Estados Unidos, as mulheres como Jessica eram encorajadas a assumir uma posição firme e a partir, uma jovem riu-se. «*Mais, madame*, se abandonássemos todos os maridos que andam atrás de um rabo de saia, Marrocos seria um país só de divorciados!»

Noutros tempos, o divórcio carregava todo o estigma. Agora, escolher ficar quando podemos partir é a nova vergonha. O principal exemplo disto mesmo é Hillary Clinton. Muitas mulheres que até então a admiravam nunca se conformaram com a decisão de permanecer com o marido quando tinha o poder de partir. «Onde está o amor-próprio dela?»

Há, sem dúvida, momentos em que o divórcio é inevitável, desejável ou simplesmente o melhor desfecho para todos os envolvidos. Mas será a única opção correta? O risco é, perante toda a dor e humilhação, precipitarmo-nos e confundirmos as nossas reações ao caso extraconjugal com os nossos sentimentos a respeito da relação no seu todo. A história é reescrita, as pontes são queimadas juntamente com as fotografias do casamento e os filhos passam a dividir as suas vidas entre duas casas.

Jessica não está preparada para rejeitar o marido. «As pessoas cometem erros. Não posso dizer que eu própria seja uma santa. É verdade que não dormi com ninguém, mas, por outro lado, também não tenho uma grande capacidade

de superação — fecho-me em mim mesma e bebo demais quando as coisas correm mal ou quando estou tensa. Se não deixarmos os nossos companheiros tropeçarem, ficaremos todos infelizes e sozinhos.» Jessica está preparada para dar a Julian uma segunda oportunidade.

A precipitação em optar pelo divórcio não dá margem ao erro, à fragilidade humana. Também não dá margem ao processo de reparação, superação e recuperação. E deixa à margem pessoas como Jessica e Julian, que querem aprender e crescer com o que aconteceu. Dizem-me eles: «Queremos ambos fazer um esforço para que as coisas funcionem. Tivemos algumas das melhores conversas desde que isto começou. Falámos sobre o que nos ia realmente na alma de um modo construtivo, como já não fazíamos há anos.» Mas depois questionam-se: «Tínhamos mesmo de passar pela experiência de um caso extraconjugal só para conseguirmos ser verdadeiramente honestos um com o outro?» Ouço isto com frequência e partilho desse desgosto. No entanto, esta é uma das verdades não reveladas sobre as relações: para muitos casais, nada menos extremo é forte o suficiente para chamar a atenção do companheiro e reativar um sistema emperrado.

Em última análise, o problema inerente às conversas sobre a infidelidade em que imperam as críticas, as acusações e a repressão é que elas anulam qualquer hipótese de um entendimento mais aprofundado e, nesse sentido, de esperança e cicatrização das feridas — juntos ou separados. A vitimização fragiliza os casamentos. É evidente que, quando Julian trai Jessica enquanto ela está em casa a mudar as fraldas ao bebé, é útil a Jessica entrar em contacto com a sua raiva, numa reação adequada a essa desfiguração do relacionamento existente entre eles. Contudo, quanto mais converso com as pessoas tocadas

pela infidelidade — o interveniente principal e o principal afetado, os amantes, os filhos —, maior é a minha necessidade de encontrar uma visão da vida e do amor que se afaste da culpa. Não ganhamos nada em cultivar a amargura, a vingança e outros sentimentos divisivos. A prova disso é a mulher que conheci cuja indignação era tão intensa que a levou a contar ao filho de cinco anos o longo período de má conduta sexual do marido, justificando: «O meu filho tem de saber o porquê de a mamã estar a chorar.»

Embora a infidelidade se tenha tornado um dos principais motivos de divórcio, um grande número de casais mantém-se na relação apesar do caso extraconjugal. Mas durante quanto tempo e em que condições? Terão eles a oportunidade de sair mais fortes dessa experiência ou enterrarão o caso sob uma montanha de vergonha e desconfiança? O modo como conseguirão metabolizar o caso irá definir o futuro da relação e das suas vidas.

Hoje em dia, no Ocidente, a maioria das pessoas terá dois ou três relacionamentos ou casamentos longos e significativos. E algumas delas tê-los-ão com a mesma pessoa. Quando um casal vem ter comigo no rescaldo de um caso extraconjugal, costumo dizer-lhes o seguinte: o vosso primeiro casamento acabou. Querem criar um segundo casamento juntos?